

# ATITUDES INCLUSIVAS NO ENSINO SUPERIOR: ENLACES COTIDIANOS DO NÚCLEO DE APOIO PSICOPEDAGÓGICO DA UNIVERSIDADE DE VASSOURAS

Suely Cristina de Souza Fernandes Crahim1  
suelycrahim@yahoo.com.br1  
UNIVERSIDADE DE VASSOURAS1

## RESUMO

*Podemos observar grandes desafios no contexto das IES, quando o assunto é inclusão. O objetivo desse trabalho é proporcionar uma discussão sobre o relevante tema – Inclusão no Ensino Superior –, além de compartilhar experiências de práticas inclusivas, realizadas pela equipe do Núcleo de Apoio Psicopedagógico da Universidade de Vassouras, através de suas ações cotidianas. No âmbito das políticas de inclusão da instituição esse relato traz ações de sucesso realizadas com alunos encaminhados e/ou acompanhados pelo setor do NAPp e a relevância acerca da educação inclusiva no cenário atual, diante da necessidade de uma formação docente no ensino superior, para uma nova prática pedagógica que proporcione e reconheça todas as diferenças, assim como o surgimento de estratégias que minimizem os entraves e vençam as dificuldades de aprendizagem.*

Palavras-Chave: Educação Inclusiva; Ensino Superior; Núcleo de Apoio Psicopedagógico.

---

## 1. INTRODUÇÃO

A Universidade é um espaço de aquisição e aplicação de conhecimento, criatividade e responsabilidade social, formação profissional e capacitação. Nesse cenário, podemos observar necessidades no mundo contemporâneo que refletem diretamente no dia a dia das IES – Instituições de Ensino Superior, quando a discussão perpassa o viés da inclusão. Tendo em vista o aumento significativo de pessoas com necessidades especiais ingressando nas universidades, o Núcleo de Apoio Psicopedagógico (NAPp), da Universidade de Vassouras ressalta a urgência da produção e da disseminação de uma cultura inclusiva nesse espaço. Dessa forma, toda a comunidade acadêmica pode se tornar participante das ações de inclusão, ainda que o foco primeiro do NAPp seja os alunos da universidade com alguma especificidade relacionada à dificuldade de aprendizagem.

A base legal das ações do NAPp nesse sentido, baseia-se na legislação vigente, entre elas o “Estatuto da Pessoa com Deficiência” – Lei 13.146/2015, a Lei que “institui cotas para pessoas com deficiências no Ensino Superior” – Lei 13.409 de 28/12/2016, além da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva” – Portaria nº 948, MEC/2007.

Um dos objetivos principais do Núcleo de Apoio é contribuir para inclusão social e educacional, acolhimento e desenvolvimento pleno do acadêmico com necessidades educacionais especiais, desenvolvendo práticas de reflexão e integração, bem como formas mais eficazes de acessibilidade para que isso ocorra. Vale ressaltar a parceria do NAI – Núcleo de Acessibilidade e Inclusão, um setor de apoio da universidade, que auxilia no estudo dos casos acolhidos pelo NAPp, encaminhados para o acompanhamento, adaptações e/ou outras necessidades.

## 2. A INCLUSÃO SOCIAL NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

O NAPp vem realizando ações inclusivas a partir de demandas individuais e/ou coletivas, de forma ampla e subjetiva. Entre elas, o acolhimento aos calouros; reuniões com professores e coordenadores de cursos para discussão, reflexões e debates sobre o tema e por fim, a criação de espaços de integração entre os alunos para que os desafios sejam trabalhados de forma sistêmica também pelo coletivo.



Figura 1: Programa de Acolhimento e Permanência

A partir de 2018, foi criado um Projeto de Extensão “Programa de Acolhimento e Permanência” para os alunos ingressantes, em que todos os Cursos de Graduação desenvolvem ações de acolhimento, desde a primeira semana de aula, com encontros coletivos e atendimentos individuais, além de momentos de acompanhamento permanente ao longo do semestre, diante de toda e qualquer necessidade discente. Para tal acompanhamento o programa conta com veteranos voluntários que participam do programa, através do “Anjos da Guarda – Unidos pela Corrente do Bem”, uma das ações do Projeto.

Podemos observar que existem diferentes concepções sobre ensinar e aprender. “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro” (FREIRE, 1996, p. 12). O ideal é que todas as pessoas que estão envolvidas no processo educacional de inclusão, desde a família até o educador, tenham a consciência da importância de evoluir, com o objetivo de fazer uma revolução educacional de forma que venha enriquecer o progresso da Educação Inclusiva. Além de aprender a adaptar o planejamento e os procedimentos de ensino, é preciso que os educadores olhem para as competências dos alunos e não apenas para suas limitações.

Na sala de aula inclusiva, podemos dizer que os conteúdos são considerados objetos da aprendizagem, aos alunos cabem atribuir significados e construir conhecimentos e o professor assume a função de mediar esse processo. De forma geral realizar as ações previstas para plena promoção da educação inclusiva e acessibilidade.

Segundo Pimenta (2000), “[...] não basta produzir conhecimento, mas é preciso produzir as condições de produção de conhecimento. Ou seja, conhecer significa estar consciente do poder do conhecimento para a produção da vida material, social e existencial da

humanidade”. É fundamental e imprescindível estabelecermos uma rede de apoio a cada especificidade desses alunos com necessidades especiais, a fim de traçarmos caminhos através de instrumentos que possibilitem o aprender.

Cabe ao Ensino Superior, assim como todos os segmentos educacionais, possibilitar à pessoa com deficiência viver de forma independente e participar de forma ampla das atividades no contexto universitário. Segundo Libâneo (1994) “a relação entre ensino e aprendizagem não é mecânica, não é uma simples transmissão do professor que ensina para um aluno que aprende”.

A equipe do NAI – Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Universidade de Vassouras reconhece e respeita as necessidades dos docentes diante desses desafios e organiza reuniões com temas para estudo e pesquisa objetivando a formação continuada dos educadores. Outra grande preocupação é assegurar o acesso, em igualdade de oportunidades.



Figura 2: Ações do NAI – Núcleo de Acessibilidade e Inclusão

O papel fundamental dos núcleos de apoio das IES é conscientizar sobre as políticas de inclusão, além da aplicabilidade acerca das adaptações necessárias a cada demanda. De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva as universidades precisam se estruturar: “Espaço físico, com profissional responsável pela organização das ações, articulação entre os diferentes órgãos e departamentos da universidade para a implementação da política de acessibilidade e efetivação das relações de ensino, pesquisa e extensão na área” (BRASIL, 2008b, p 39).

É importante ressaltar a necessidade do acompanhamento interdisciplinar para o sucesso acadêmico, no uso de estratégias para aprender, diante das demandas advindas de cada condição. “[...] a formação docente não tem sido considerada uma exigência no ensino superior, precisa ser revista diante dos desafios da educação inclusiva. A competência técnica não garante a condição de reconhecer e trabalhar com as diferenças em direção à emancipação, e não podemos perder de vista que todo conhecimento deve servir às finalidades humanas”(ADORNO, 1995 apud FERRARI; SEKKEL, 2007).

Segundo as autoras, Ferrari e Sekkel (2007) “são os objetivos do ensino superior, bem como seus modos de avaliação e currículo, que necessitam de uma reformulação frente a esse novo desafio. Assim como nos demais níveis de ensino, trata-se de assumir o debate proposto

a partir da inclusão, para repensar modelos e objetivos educacionais também no ensino superior e encarar as questões da flexibilização do currículo, da necessidade ou não do especialista, da aplicação das provas especiais como forma alternativa de avaliação, enfim, as questões que se impõem já há mais de uma década na educação brasileira”.

A Universidade de Vassouras através do Núcleo de Apoio Psicopedagógico e do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão vem realizando ações que perpassam a prática pedagógica, buscando criar mecanismos de ensino-aprendizagem acerca da ultrapassagem de obstáculos enfrentados no dia a dia da trajetória acadêmica. Candau e Lelis (2001) afirmam que os componentes curriculares “devem trabalhar a unidade teoria-prática sob diferentes configurações, para que não se perca a visão de totalidade da prática pedagógica e da formação como forma de eliminar distorções decorrentes da priorização de um dos dois pólos”.

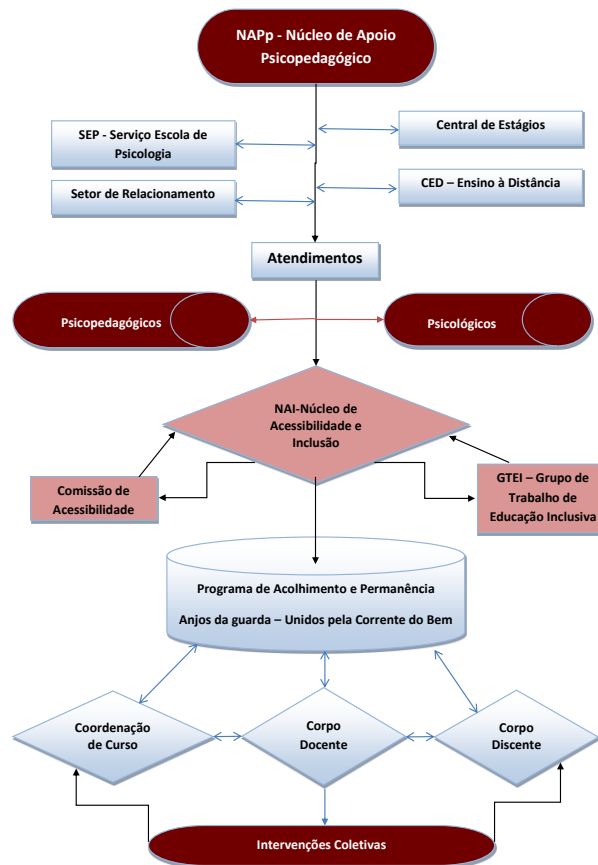


Figura 3: Fluxograma do NAPp – Núcleo de Apoio Psicopedagógico

Podemos observar no contexto do ensino superior, grandes necessidades específicas de acompanhamento, que vai desde o processo seletivo, atravessa a trajetória acadêmica e chega à conclusão do curso, oportunizando o “aprender” a todos os estudantes, de forma igualitária, justa e inclusiva.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o que Paulo Freire nos fala, "O educador, que aliena a ignorância, se mantém sempre em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processo de busca" (FREIRE, 1979), confirma-se a necessidade de formação docente para o desenvolvimento de habilidades e competências acerca da inclusão e

o reconhecimento das diferenças em sala de aula, assim como as adaptações relevantes a cada especificidade acolhida no ensino superior, em relação aos alunos com necessidades especiais.

#### 4. REFERÊNCIAS

**BRASIL.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

**CANDAU, Vera M.; LELIS, Isabel A.** A relação teoria-prática na formação do educador. In: CANDAU, Vera M. Rumo a uma nova didática. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2001

**FERRARI, Marian A. L. Dias; SEKKEL, Marie Claire.** Educação inclusiva no ensino superior: um novo desafio. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 27, n. 4, p. 636-647, dez. 2007. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932007001200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007001200006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 02 jul. 2019.

**FREIRE, Paulo.** Educação: o sonho possível. In BRANDÃO, Carlos Rodrigues et all. O educador: vida e morte. RJ: Graal, 1982.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

**LIBÂNEO, José Carlos.** Didática. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

**PIMENTA, Selma Garrido.** Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor (2000). In FAZENDA, Ivani C. A. (org.) Didática e interdisciplinaridade. 8a ed. São Paulo: Papirus, 2003.